

LEITORES E LEITURAS: da reflexão à imersão

Murilo Macêdo Narciso¹ – profmuriloport@hotmail.com
Débora Cristina Santos e Silva² – desants@uol.com.br

Introdução

Este trabalho tem como objetivo a exposição de algumas mudanças de perfil dos leitores brasileiros nas últimas décadas, em especial nas três últimas com a popularização da internet. Estas têm sido causadas por diversos fatores, tais como o modo de comunicação das pessoas, as formas de aquisição de conhecimento, o acesso à informação e principalmente a universalização do ciberespaço. E, sobre esse último fator, embora muitos pesquisadores vejam nas tecnologias digitais uma solução para muitos problemas na educação do Brasil, o que os dados e pesquisas sobre o assunto mostram é que muitas das tecnologias não têm causado o efeito que tantos imaginam e defendem, pois nem sempre a inclusão de novas ferramentas no processo ensino-aprendizagem, em especial as virtuais, melhora o nível de conhecimento do alunado brasileiro, ou seja, nem sempre o aluno consegue uma melhora significativa no seu nível de letramento. Desse modo, pesquisas feitas por teóricos como Rojo sobre o nível de letramento do alunado brasileiro em exames como SAEB, ENEM e PISA mostram que o leitor contemporâneo, de leituras rápidas, imagéticas, de vários gêneros, e coautor de inúmeros textos no ciberespaço não tem conseguido melhorar seu desempenho nesses exames e muitas vezes tem apresentado um nível de letramento incompatível com a série na qual estuda.

Houve época no Brasil e no mundo em que as leituras eram oralizadas, até por questão de limitação de textos impressos. Ainda nesse período, o leitor tinha um determinado nível de letramento e várias formas de compreensão de leitura, o que se evidenciava nas oratórias públicas e nas declamações e até encenações de textos memorizados. Já em um passado mais recente, a leitura se tornou silenciosa e o leitor, privado. Nesse período de leitura, que perdura até hoje, o leitor passou a ler mais rápido, obter mais informações, conhecer mais gêneros e até participar da construção textual no ciberespaço, porém, passou a memorizar e verticalizar menos seus conhecimentos, de acordo com estudos medidores do nível de letramento de alunos de todo o país, em exames nacionais e internacionais. Sobre essas transformações dos tipos de leitura e leitor, Santaella (2004) classifica os leitores em três tipos: o contemplativo (leitor reflexivo, meditativo), o movente (leitor dos grandes centros urbanos, das leituras rápidas) e o imersivo (também leitor de imagens, de vários gêneros e coautor de muitas

¹ Pós-graduando do Curso de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (UEG).

² Professora Orientadora – Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – MIELT/UEG).

produções escritas na internet). É a esse último tipo de leitor que dedicamos nossa pesquisa, num paralelo interpretativo com os outros tipos de leitores.

Revisão de Literatura

Muitas são as tecnologias existentes atualmente, e mais variadas ainda são suas funções na sociedade contemporânea, entretanto, poucas existiriam se a humanidade não tivesse desenvolvido a mais antiga, porém a mais importante de todas elas: a escrita. A partir dela a sociedade se organizou em grupos, demarcou territórios, estabeleceu valores e passou a documentar a história. E junto à escrita, nasceram também os leitores. E, antes mesmo de a escrita se tornar direito adquirido, havia os leitores públicos, uma minoria de pessoas que lia em ambientes abertos para pessoas que não sabiam ler. Ao passar do tempo, com as transformações sociais e maior acessibilidade popular à leitura, surgiu também o leitor privado, aquele que, mesmo em um lugar público, voltava-se para seu mundo numa leitura silenciosa, como destacam

Para a compreensão do texto, a oralização era, portanto, exigida. Essa prática do ato de ler foi entendida como publicização. Um leitor lia para tantos outros leitores-ouvintes, numa dinâmica de socialização em que, inclusive, enquanto os demais ouviam o texto, trabalhavam. (SILVA; COSTA, 2012, p. 59):

Ler com os ouvidos e ler com os olhos são tipos de leitura que nos fazem pensar nos tipos de leitores. A eles, condicionados a tais leituras, associamos tipos de concentração, entendimento, criticidade etc. Desse modo, em que podemos diferenciar um leitor público de um leitor privado, apenas na materialidade do espaço físico? Independente do modo e da época, a leitura poderia e pode ser considerada como uma ferramenta de transformação social?

Sobre esse aspecto - as mudanças sociais - leitura e escrita têm influência direta na vida da sociedade. Mas as mudanças oriundas dessas duas ações ocorrem não apenas pelo ato mecânico de decodificar um texto, mas de mergulhar nele e extrair todas ou as principais informações explícitas e implícitas, obter a compreensão na sua maior inteireza, interpretá-lo pela vivências de outras leituras. A essa capacidade de realização de leitura, Magda Soares chama de letramento, uma extrapolação do conceito de alfabetização do século XIX. Sobre essa concepção, a autora diz:

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2003, p. 39)

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

Há algumas décadas, de posse do livro e/ou de outras fontes de leitura, a humanidade têm gerado diferentes tipos de leitores, mas cabe nesse ponto analisar se o tipo de leitura exercido no decorrer dos anos sofreu ou não mudanças com relação ao nível de letramento dos leitores. Para Santaella (2004), há acentuadas diferenças entre o leitor do século passado e deste. Há diferença entre o leitor do livro, o leitor dos jornais e das revistas e atualmente o da internet. Isso evidencia as transformações sociais a partir das práticas de leitura.

Santaella (2004, p.19) classifica o leitor de cada tempo da história de acordo com suas práticas de leitura. Para ela, desde o Renascimento até o século XIX, nasce o primeiro tipo de leitor, o “contemplativo”. Esse leitor tinha análise mais profunda de leitura, era mais meditativo e tinha a seu dispor textos basicamente verbais e extensos. O segundo tipo nasce com a Revolução Industrial, o “movente”. Esse é o leitor imagético, ou seja, o leitor dos grandes centros, um leitor dinâmico, apressado, que pouco tempo tem para analisar ou pensar no que lê; por isso suas leituras são curtas, rápidas e basicamente imagéticas, pois demandam menos tempo, maior velocidade. O terceiro, o “imersivo”, ainda em bastante observação, é o leitor do ciberespaço, aquele que se faz autor, coautor de textos virtuais. Esse leitor está ligado diretamente aos textos virtuais e tem grande participação nas suas construções. Todavia, a autora também afirma que a leitura impressa e individual possibilitou ao ser humano maior aproximação com o livro, o que lhe possibilitou maior análise e reflexão. E, com a popularização da internet, com os novos espaços de leitura, o ambiente virtual está possibilitando o surgimento de novos leitores e ressignificando velhas escritas.

A participação direta e ativa de leitores e escritores no ciberespaço tem alterado a escrita no meio social. Para Pierre Lévy, o ciberespaço altera completamente a relação do indivíduo com o saber, pois este é público e está em constante transformação. Encontra-se facilmente tudo e qualquer coisa no ciberespaço. Sobre isso, afirma o autor:

Como essas tecnologias intelectuais, sobretudo as memórias dinâmicas, são objetivadas em documentos digitais ou programas disponíveis na rede (ou facilmente reproduzíveis e transferíveis), podem ser compartilhadas entre numerosos indivíduos, e aumentam, portanto, o potencial de inteligência coletiva dos grupos humanos. (LÉVY, 1999, p. 157)

Desse modo, é no ciberespaço que as pessoas mais têm a sensação de que estão sendo “formadas”, pois o acesso rápido e fácil a todo e qualquer tipo de informação dá a elas a falsa sensação de formação. Fica claro que nesse espaço também há aprendizado e aprofundamento do nível de letramento, o que, para Lévy (1999 p. 170), “de fato, as características da aprendizagem aberta a distância são semelhantes às da sociedade da informação como um todo, da sociedade de rede, de velocidade, de personalização etc”.

Quanto às práticas de leitura e escrita, mas especificamente sobre o nível de letramento dos alunos brasileiros, que decorre dessas práticas, uma pesquisadora do assunto, a professora Rojane Roxo, atribui a baixa qualidade do ensino brasileiro a vários motivos:

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS
13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

[...] na última década, o Brasil conseguiu garantir o acesso universal a todos os alunos de 7 a 11 anos a vagas do ensino fundamental público. [...] embora haja acesso, não há permanência e há gargalos nas séries iniciais de ciclos e nas séries-diploma. [...] Essa população que conquistou o acesso, ainda não conquistou, entretanto, a escolaridade de mais longa duração. (ROJO, 2009, p. 28).

Além da falta de permanência dos alunos nas escolas por mais tempo, ela também analisa os resultados dos estudantes brasileiros em exames como ENEM, SAEB e PISA. Sobre eles a autora diz:

Os resultados configuram, em geral, problemas. [...] No relatório PISA 2000, dentre alunos de 15 anos de 32 países diferentes, os brasileiros foram os que obtiveram os piores resultados nas capacidades de leitura. [...] Consta-se, também, que são deficientes os conhecimentos dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação. [...] os participantes do ENEM não estão suficientemente preparados para discutir respostas aos problemas sociais congruentes com o respeito e a promoção dos direitos humanos. (ROJO, 2009, p. 33)

É evidente a presença cada vez maior de tecnologias virtuais em escolas, no auxílio ao aprendizado dos alunos brasileiros, e também em seu dia a dia, e ainda assim pesquisas apontam para uma decadência da qualidade de ensino de leitura e outras práticas nas escolas brasileiras. Desse modo, o uso de tecnologias virtuais assemelha-se muitas vezes a um modismo, apenas, não tendo justificativa pedagógica para sua existência. Muitos são os problemas que permeiam a qualidade do ensino no Brasil, mas muitas também são as ações que o país pode desenvolver e as tecnologias que pode usar para mudar o nível de letramento de seus alunos.

Metodologia

A construção do trabalho se deu a partir de várias etapas: leituras e reflexões de teóricos como Soares, Santaella, Rojo, Coracini e tantos outros que abordam questões como o uso de tecnologias virtuais em sala de aula e o nível de letramento dos estudantes brasileiros; análise de material escrito produzido por alunos do Ensino Médio; observação das discussões sobre os temas abordados para produções textuais etc.

Nos estudos teóricos, foram reavaliados conceitos de letramento, alfabetização, letrado, iletrado, analfabeto etc. Foram também observados os motivos pelos quais surgiram novos conceitos no campo da alfabetização no ensino brasileiro e as estratégias de medição do nível de letramento de estudantes brasileiras e de estudantes de países desenvolvidos. Após análise de tais conceitos e estratégias, foi pesquisada também a atual situação do estudante brasileiro frente aos exames nacionais e internacionais. Depois da conclusão da última

análise, foram consideradas sugestões de teóricos como Roxane Rojo para melhorar a qualidade do ensino no país e o nível de letramento dos alunos no Brasil.

Conclusão

A importância do universo virtual no auxílio à aprendizagem formal e a qualidade do ensino no Brasil foram as bases para esta pesquisa que evidenciou as transformações por que passam leituras e leitores brasileiros, em suas experiências de escolarização, até a atualidade.

A popularização da internet e a presença de tecnologias virtuais em sala de aula têm sido vistas como uma solução por muitos teóricos que veem na tecnologia uma solução para muitos problemas no ensino do país, no entanto, o que muitos estudos mostram é que, embora o número de leitores esteja crescendo sem parar, as leituras feitas por estudantes ou não e o acesso de toda a sociedade a todo o universo virtual não tem mudado o cenário da qualidade do ensino no Brasil, uma vez que os estudantes não têm atingido os níveis adequados de letramento à série correspondente.

Referências

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad: Carlos Irineu da Costa. São Paulo. Editora 34, 1999.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, Débora C. S.; COSTA, Keila M. M. *Percursos da leitura entre a página e a tela: uma multiplicidade de sentidos*. Revista Texto Digital. Florianópolis, UFSC, v. 8, n.1, 2012.

SOARES, Magda. *Letramento em texto didático: o que é letramento e alfabetização?* São Paulo: Contexto, 2003.